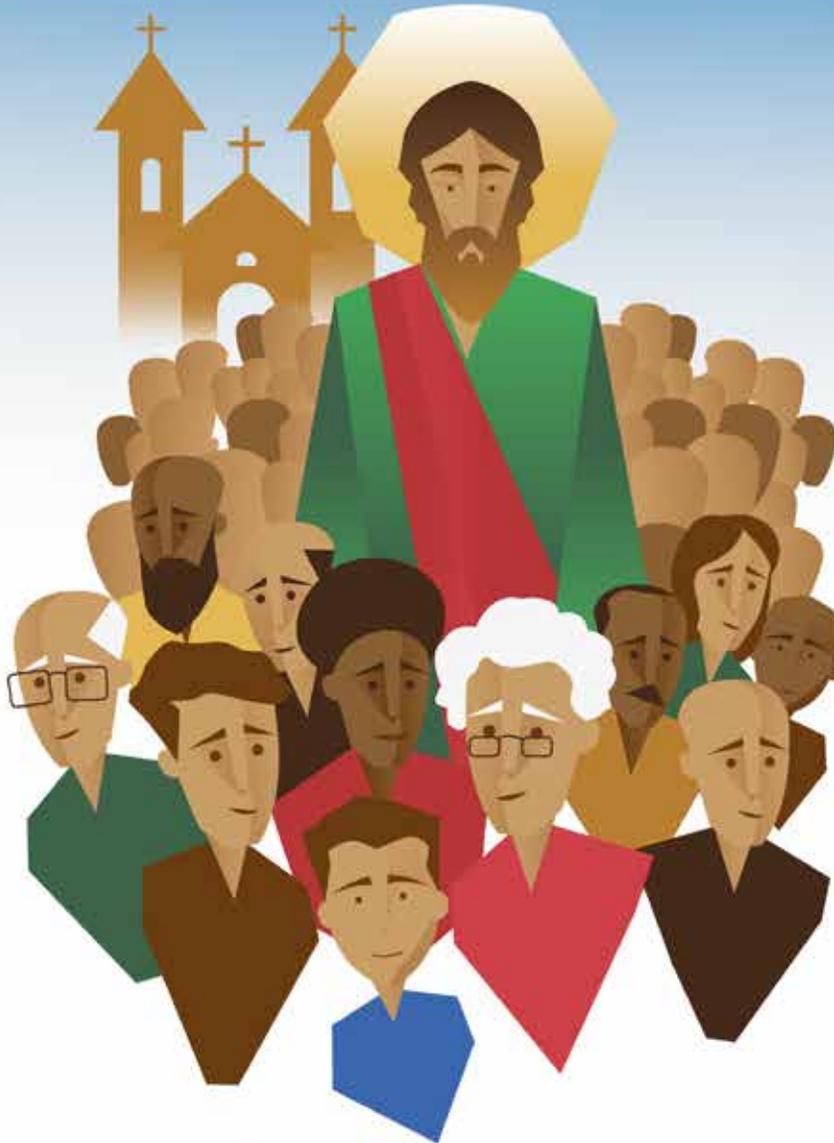




Revista

São Judas

ANO XIV – Nº 161 – NOVEMBRO / 2025



SÃO JUDAS TADÉU

Apóstolo da nossa esperança



Foto do mês:

A Novena de São Judas Tadeu é ocasião de profunda oração e comunhão, de 18 a 26 de outubro, na Paróquia e Santuário São Judas Tadeu. Foto de outubro de 2024.

REVISTA SÃO JUDAS APENAS ON-LINE

A Revista São Judas de NOVEMBRO/2025 (edição número 161) circulará apenas pelo site e redes sociais da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu.

EXPEDIENTE

Reitor: Pe. Daniel Aparecido de Campos,scj

Vice-Reitor: Pe. Cleiton Guimarães dos Santos,scj

Diretor: Pe. Daniel Ap. de Campos,scj

Editora-Jornalista: Priscila Thomé Nuzzi – MTb nº 29753 L. 131 F.26

Conselho Editorial: Pe. Daniel Ap. de Campos,scj; Renata Souza; Marcos Cuba; Graziella Cedro.

Capa: Daniel Ramos

Revisão: Pe. Aloísio Knob,scj

Design e Diagramação: Daniel Ramos (danramosdesign@gmail.com)

Fotos: Arquivo Santuário SJT

Atendimento

Av. Jabaquara, 2682 – São Paulo-SP
04046-500 – Tel.: (11) 3504-5700

SUMÁRIO

04 SÃO JUDAS E VOCÊ

Expressões de gratidão

05 SÃO JUDAS ENTREVISTA

A bela vocação de Catequista: Cristiane Adorno

08 PENSE NISSO

Nenhuma cicatriz do coração é feita por um inimigo

10 A VIDA DOS SANTOS EM NOSSA VIDA

Todos os Santos

12 CURIOSIDADES DA FÉ

Como refletir o mistério da morte?

14 RECOMENDAMOS

Réplica da imagem de São Judas Tadeu

15 SAÚDE: DOM DE DEUS

Hábitos de vida saudável: os desafios no cotidiano moderno

16 SÃO JUDAS TADEU, APÓSTOLO E MÁRTIR

São Judas Tadeu: Apóstolo do Céu

17 FAMÍLIA DOS DEVOTOS

O livro de Orações a São Judas Tadeu da família

18 FOCO NA MORAL E NO DIREITO

O Esplendor da Verdade: Atualidade da Encíclica - *Veritatis Splendor*

20 DESTAQUE DO MÊS

São Judas Tadeu, Apóstolo da nossa Esperança

22 MÃE E MESTRA, NOSSA IGREJA

Papa Leão XIV: somos chamados a criar novos sinais de esperança

24 NO CORAÇÃO DE JESUS

São Judas Tadeu e a Esperança da Eternidade no Coração de Cristo

25 SÃO JUDINHAS AOS PEQUENOS DEVOTOS

Esperança do lado de lá



ESPERANÇA QUE RENOVA A FÉ QUE PERMANECE

Estamos no mês de novembro e, com ele, damos início à reta final do ano de 2025, certos de que muitos bons momentos foram vivenciados em nosso Santuário. Os testemunhos das graças alcançadas através da intercessão de São Judas Tadeu são marcantes e nas edições da nossa Revista temos como que um documento testemunhal destas graças alcançadas.

Neste ano, ampliamos nossa consciência e reconhecemos, com mais profundidade, que somos peregrinos neste mundo. A esperança nos fortalece para darmos os passos necessários rumo à santidade, preparando-nos para nos apresentarmos de forma digna diante de Deus. A morte, para nós, já não é o fim, mas a certeza de que há algo muito melhor e pleno na eternidade.

A intercessão de São Judas Tadeu nos acompanhou durante todo este ano, e expressamos nossa gratidão exaltando e divulgando os fatos milagrosos que acontecem nesta "Casa de Devoção". A esperança nos convida a experimentar, pela fé, a certeza de que o amor é maior do que tudo e capaz de superar tudo.

Foram muitos os momentos que, neste Ano Jubilar, nosso Santuário promoveu para favorecer o caminho de santidade aos peregrinos que aqui vieram. Ainda temos tempo de aproveitar estes últimos meses do ano, pois a bondade de Deus continua a alcançar todos aqueles que, vigilantes, assumem o projeto do Reino em suas vidas.

Rezamos por todos os que ajudaram a

construir e manter este Santuário, mas que já não estão entre nós. Que São Judas Tadeu interceda por cada pessoa que dedicou seu tempo e seus dons nesta obra de evangelização.

Este Santuário é um importante sinal de fé na cidade de São Paulo. Todos os dias, muitas pessoas aqui peregrinam em busca de graça, consolo e renovação por meio da fé.

Sinta-se convidado(a) a visitar a Paróquia e Santuário São Judas Tadeu e participar das nossas atividades religiosas, presencialmente ou de forma virtual, pela WebTV (YouTube e Facebook), WebRádio radiosaojudastadeu.com ou pelo Instagram [@saojudastadeusp](https://www.instagram.com/saojudastadeusp).

Horários das missas:

Segunda a sexta-feira: 7h, 9h, 12h, 15h, 17h e 19h30.

Sábado: 7h30 (transmitida pela RedeTV), 9h, 12h, 15h e 19h30.

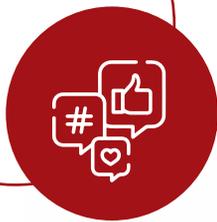
Domingo: 7h (transmitida pela RedeTV), 8h30, 10h, 12h, 15h, 16h30, 18h e 19h30.

Obrigado e seja sempre bem-vindo(a) à Paróquia e Santuário São Judas Tadeu!



Pe. Daniel Aparecido de Campos,scj

Reitor do Santuário São Judas Tadeu



SÃO JUDAS E VOCÊ

Ao nos aproximarmos do final de mais um ano, convidamos nossos devotos a refletirem sobre as bênçãos recebidas em 2025. Perguntamos: por qual graça você é grato neste ano?

As respostas foram inspiradoras e cheias de fé!

Confira a seguir alguns dos testemunhos e expressões de gratidão que recebemos dos devotos de São Judas Tadeu:

maracunhap

Meu neto Joaquim

Responder >

soberana.acessorios_e_m...

Pelo Nascimento da minha sobrinha Neta Malu e pelo meu novo trabalho com as graças de .

Responder >

mahh.lps

Me formar na faculdade

Responder >

suelidale

Pela minha família está com saudade 🙏🙏🙏

Responder >

giovannina8899

Sempre serei grata a SÃO JUDAS pelas graças que recebi. Obrigada 💕

Responder >

clara_msd_

Minha posse no concurso do TJSP no dia 21/10/2025, com a intercessão de São Judas Tadeu

Responder >

tanepomuceno

Frequentava a igreja desde solteira, hoje há mais de 10 anos casada, meu esposo e filhas são

Responder >

jotakahashi

Pela minha saúde e saúde da minha família. Amém

Responder >

Siga-nos no nosso Instagram e fique de olho nas caixinhas de interações que abrimos. Sua mensagem pode aparecer na nossa revista.



A bela vocação de Catequista

A vocação de catequista nasce do encontro pessoal com Jesus e se fortalece no amor pela Igreja. Nesta edição, conversamos com Cristiane Adorno, catequista da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu, que compartilha conosco sua trajetória de fé, marcada pelo testemunho em família, pela oração e pela alegria de servir. Sua história é um convite a redescobrir a beleza de evangelizar com simplicidade e amor.

É uma alegria estar aqui com uma das nossas catequistas do Santuário, que vai compartilhar um pouquinho da sua história, do seu chamado. Bem vinda, Cristiane!

É um prazer vir aqui falar da pessoa de Jesus, da pessoa do catequista, de toda a história, da catequese, do Santuário que tem um tempinho já que eu participo e obrigada pelo convite.

Como você começou a participar mais ativamente da vida pastoral da Igreja?

O que me motivou foi o meu filho. Quando se é mãe e chega um momento que a gente vê que não dá conta da evangelização em casa, vai vendo que não consegue mais. Eu vim para o Santuário trazer o meu filho, para fazer catequese de primeira comunhão. E quando eu chego, o Santuário já tinha uma estrutura de catequese familiar. Isso tem mais ou menos uns 14 anos. Hoje meu filho tem 22 e ele tinha uns oito aninhos. Ele fez preparação para pais e padrinhos do batismo no Santuário. E quando ele nasceu, ele foi batizado com 40 dias. Sempre o Santuário foi a minha referência.

Então você já começou na catequese, foi a sua primeira pastoral?

Sim. A catequese era de um formato um pouquinho diferente do que é hoje. Era familiar, tinha que ter a presença dos responsáveis, mas era diferente e acontecia aos sábados. O grupo do meu filho era de sábado, quem levava era o meu marido, porque eu trabalhava. O meu marido não foi batizado na Igreja Católica. Quando meu filho fez a primeira comunhão e a minha filha foi para a catequese, o meu marido sentiu necessidade de participar na comunhão. Ele

via todo mundo na fila de comunhão e ele não podia ir, e então ele conversou com a catequista que conversou com o padre. Na época era o padre André Marana e eles fizeram uma cerimônia de introdução do meu marido ao catolicismo. E ele passou a participar mais ativamente na igreja e automaticamente eu. Esse era um sonho meu. Eu vi minha filha e meu marido fazendo a primeira comunhão juntos.

Aqui a gente já tem um depoimento familiar de como as crianças conduzem também os pais...

Na catequese eu sempre falo que os primeiros catequistas são os pais, os responsáveis. Porque nem sempre as crianças vão com os pais. Às vezes é uma avó e a madrinha de batismo que cuida da criança e leva para a catequese. Mas depois quem arrasta são as crianças. As crianças que têm a chavinha ali, de levar os pais, os familiares, avós...

E como foi para você esse chamado? O que aconteceu de diferente para a decisão de ser catequista?

Eu penso que todo mundo é fruto de oração de uma outra pessoa. Quando eu falo que eu vou rezar por você, levo muito a sério. Você pode confiar que eu vou rezar, porque eu tenho certeza que eu sou fruto da oração de alguém. Eu sempre soube que eu seria catequista um dia. E lembro da minha mãe rezando no pé da imagem de Nossa Senhora ali, e eu desde pequenininha, ela me levando à missa, me conduzindo e eu sabia que em algum momento eu iria.

Então essa mãe foi um grande instrumento de Deus, no seu chamado.

Eu penso que como eu sinto hoje que tem



SÃO JUDAS ENTREVISTA

peças que rezam por mim, a minha mãe naquele momento e a vida toda dela.

E como foi a sua juventude? Você chegou a participar da Igreja ou foi na fase adulta que você teve essa aproximação com a igreja?

Sou católica de nascimento, fui batizada recém nascida. Eu nasci em 18 de dezembro e no meu batistério, 15 de janeiro, eu já estava batizada. Fiz primeira comunhão com oito anos. Aos dez eu fiz Crisma, tinha essa caminhada na Igreja. Mas na adolescência, especificamente, é a minha geração. Porque se você olhar aqueles grupos de jovens, você vai ver que é antes da minha geração e depois Pascom, RCC. A minha geração teve uma lacuna e nesse momento também eu queria passar no vestibular, estudava muito, foquei na vida acadêmica durante um bom período da minha vida. Fiz faculdade, não morava na mesma cidade onde eu estudava. Eu ia à missa, mas não participava de nenhum grupo, mesmo porque se você ver a minha geração, você vai perceber que teve uma lacuna até o crescimento da comunidade evangélica. Coincidiu exatamente com a minha adolescência.

Então foi um momento que você estava dedicada a outros projetos. Mas o Senhor tem sempre um tempo preparado para todas as coisas.

Meus filhos foram a ponte. Tem uma curiosidade, eu me casei na igreja Católica e o meu marido era de uma igreja evangélica. Quando eu fui casar o Frei fez até um documento para o meu marido abrir mão da guarda religiosa dos meus filhos para mim, porque na época do meu casamento, ele falava que quando chegasse na idade de catequese dos filhos eu ia querer colocar na catequese e o meu marido não. Talvez não permitisse, né? Então ele assinou um documento abrindo mão da guarda religiosa naquele momento. E para você ver como a gente já tinha realmente a intenção de educar as crianças na fé católica.

E houve a conversão do seu esposo ao catolicismo também. Então as crianças realmente foram uma fonte decisiva ali?

Olha o poder das crianças. Para as crianças do Santuário, digo: olha a responsabilidade

de vocês aí, criançada, que estão aprendendo a cada dia na Catequese sobre a vida de Jesus, sobre os ensinamentos dele.

Tem algum momento na sua caminhada pastoral, na igreja, que te marca profundamente?

O Padre André Marana,scj nos indicou ao Padre Geovane Inácio dos Santos,scj porque a princípio estava faltando catequista para a Pastoral do Batismo. Mas teve um momento na catequese da minha filha que faleceu uma das mães. Ela teve um AVC, e ali eu conheci outros catequistas. Naquele momento, por obra de Deus, no saguão do hospital, eu senti no meu coração vontade de rezar por essa mãe e quando eu cheguei lá, encontrei outras catequistas. Uma delas foi a Mônica. Fizemos uma amizade muito forte, porque fomos cuidar dessa família. Subimos juntas no quarto dessa moça para rezarmos. Eu já estava na Pastoral do Batismo, mas comecei a me envolver com o grupo de catequistas, há uns dez anos. E hoje a Mônica está na coordenação da catequese. Não teria como falar da catequese sem falar da Mônica, porque nós damos catequese juntas. A gente tem uma relação muito próxima.

E você tem algum orientador espiritual? Você acha isso importante?

Acho importante sim, para o catequista. Eu não tenho um orientador espiritual, mas tenho um padre que confio e que eu trabalho junto. E quando tenho alguma dificuldade dentro da catequese ou na minha vida pessoal, converso com esses padres, mas um específico não, porque no Santuário os padres ficam pouco tempo, eles vêm e vão. Então, às vezes a gente não consegue formar esse vínculo. Mas eu gosto muito conversar com o Padre André Marana,scj.

A gente sabe o quanto é difícil a caminhada nas pastorais, mas tendo orientação, tendo um apoio, tudo se torna mais fácil.

Sem dúvidas. Se você tem uma pessoa em quem confia e ela tem uma sabedoria, um discernimento, fica bem mais fácil. Você se sente mais segura.

E você já enfrentou alguma dificuldade?

Sim. Nesse tempo de serviço, há mais de 14 anos na catequese, servindo, trabalhando com crianças, claro que desafios ocorreram. Faz parte da caminhada. Tive vários obstáculos, momentos em que eu pensei em deixar, mas eu sempre costumo citar na Catequese ou quando estou dando formação de Batismo ou na Catequese de adultos, o exemplo de São José. Imagina para ele, quando recebeu a notícia de que Maria estava grávida e eles nem estavam casados ainda, ele entra no quarto, reza ao Senhor e em sonho recebe o Anjo que fala para que é o projeto de Deus, qual é o lugar dele no Reino... Entendendo isso, no dia seguinte, toma a atitude de permanecer com Maria. Sempre levo isso se fico preocupada em relação à Catequese ou até mesmo na minha vida pessoal. Entro no meu quarto, rezo a Deus e depois aí sim eu tomo uma atitude. Nunca vou fazer nada de cabeça quente, porque a nossa tendência é ir por impulso. Quem me conhece sabe que não sou impulsiva, consigo me controlar e engolir a seco e esperar um pouco para ver o que Deus quer me dizer com aquilo.

E o que significa para você ser uma catequista e evangelizadora nos dias atuais?

É uma responsabilidade grande, porque as pessoas tendem, depois da pandemia, a ficar cada um no seu quadrado, no seu canto e procura fazer as coisas online. Isso é um desafio. Trazer as pessoas até a igreja. Mas eu acho que o caminho é incluir as famílias em tudo o que vai fazer, primeiro a oração e depois trazer as famílias para a catequese. A palavra até convence, mas realmente o exemplo arrasta seu filho. Outro desafio é fazer a pessoa experimentar. Não é só assistir, é fazer experiência.

E que conselho você daria para alguém que pensa em ser catequista como você?

A primeira coisa é a vida de oração. Por que o catequista é quem leva o querigma, é quem fala da pessoa de Jesus. E como consigo ter essa intimidade? Para eu falar de uma pessoa eu tenho que ter intimidade com essa pessoa. Quem tem o desejo de ser catequista tem que ter vida de oração, procurar conhecer quem é esse Jesus que ela vai levar para as outras pessoas, primeiro, quem é Jesus na vida dela. Depois deve se informar e participar nos encontros de catequese, ver

como é a nossa vida como catequista. Parece fácil, mas não é.

Como funciona esse encontro toda semana?

Ninguém consegue ter todas as informações, nem todo conhecimento. O preparo vem com o tempo, mas o principal é o amor, é o amor que tem que se dedicar. O primeiro mandamento é o mandamento do amor. Se você não tiver amor a Jesus, amor ao próximo, amor à Igreja, à doutrina, fica mais difícil. Você tem que amar em primeiro lugar para ir para lá e as outras coisas vão vindo. Mas o conhecimento, a sabedoria, os dons do Espírito Santo são importantes. A pessoa que tem o desejo já está aberta, já é a grande motivação.

E isso foi uma coisa que sempre esteve presente na sua caminhada. Você falou você já tinha o desejo.

Eu sabia que em algum momento eu iria para a catequese. Isso era uma coisa que eu tinha certeza. Eu tinha esse desejo.

Vale a pena ser catequista?

Vale muito a pena. A gente pensa que está ali para ensinar, mas a gente está ali para aprender e as famílias são fantásticas quando são generosas, porque elas abrem a vida da família delas para que a gente possa entrar. Isso não tem preço, conseguir alcançar uma família e depois ver aquele pai, aquela mãe participando desse ser, você vê aquela criança fazendo uma leitura, você vê os pais participando na coleta, na acolhida, ministros da Eucaristia, catequistas de primeira comunhão, de crisma, de adultos e de batismo. Aquele seu sonho, se concretizando. É uma coisa indescritível, não tem preço. Só agradecer a Deus mesmo e louvar. Agradecer pela vida de cada pessoa que o catequista consegue e ajudar, modificar e levar para Deus. Deixo o meu abraço carinhoso para todos os catequistas e que Deus continue abençoando cada um de vocês!

Entrevista concedida a Líllian Cristina Magalhães, disponível integralmente no YouTube do Santuário São Judas Tadeu! Assista na íntegra, acessando o nosso endereço: [@santuariosaojudastadeu](https://www.youtube.com/@santuariosaojudastadeu)



NENHUMA CICATRIZ DO CORAÇÃO É FEITA POR UM INIMIGO



Foto: br.freepik.com

As cicatrizes do Ressuscitado não desaparecem; ao contrário, tornam-se sinais gloriosos. Jesus não ressuscitou sem as marcas dos cravos, mas com elas, e é mostrando essas cicatrizes aos discípulos que Ele os convence de que o amor venceu a morte (cf. Jo 20, 27). Isso nos mostra que até mesmo as cicatrizes do coração podem ser transfiguradas quando colocadas nas mãos de Deus. Em Deus tudo se transforma, tudo é ressignificado.

O Papa São João Paulo II, ao escrever sobre a misericórdia em sua encíclica *Dives in Misericordia*, destacou que o amor é maior que o pecado e que a misericórdia é capaz de transformar as situações mais dolorosas em oportunidade de renovação. Ele afirmou: “A misericórdia é o segundo nome do amor”. Assim, diante das cicatrizes que trazemos no coração, não somos chamados a escondê-las, mas a apresentá-las diante do

Senhor, deixando que sua misericórdia as transforme em testemunho de fidelidade.

Na vida cotidiana, todos nós experimentamos decepções. Aquele amigo em quem confiávamos nos abandona; aquela pessoa da família a quem dedicamos amor nos fere com palavras duras; aquele irmão de caminhada de fé nos decepciona em nossas expectativas. Essas experiências fazem parte do mistério da vida humana. Mas o cristão é chamado a não deixar que a dor se transforme em rancor. O Papa Francisco nos lembra que o ressentimento é como “um copo de veneno que bebemos esperando que o outro morra”. A verdadeira cura é o perdão, e o perdão não é esquecer, mas aprender a olhar a cicatriz sem deixar que ela nos paralise.

É belo perceber que, no Evangelho, Jesus nunca deixa de amar aqueles que o ferem. Mesmo diante de Judas, Ele não deixa de

chamá-lo de “amigo” (Mt 26, 50). Essa palavra é surpreendente: “Amigo, é para isso que vieste?”. Não é ironia, mas revelação. Jesus não permite que a ferida da traição destrua a essência de seu amor. Ao chamar Judas de “amigo”, Ele nos ensina que o amor não depende da correspondência do outro. A cicatriz permanece, mas o amor é maior.

O coração humano, portanto, só pode ser plenamente curado na medida em que se abre ao amor de Deus. O Catecismo da Igreja Católica ensina: “Só Deus pode perdoar os pecados” (CIC 1441). Isso significa que só Ele pode curar as feridas mais profundas do coração. Quando nos aproximamos da confissão, quando experimentamos a graça dos sacramentos, quando participamos da Eucaristia estamos permitindo que Cristo toque nossas cicatrizes e as transfigure.

A frase “nenhuma cicatriz do coração é feita por um inimigo”, título desse artigo, nos ajuda também a repensar nossas próprias atitudes. Quantas vezes nós mesmos nos tornamos motivo de ferida para aqueles que nos amam? Quantas vezes, sem perceber, nossas palavras ou silêncios, nossas omissões ou indiferenças marcam os corações dos outros? Essa reflexão nos chama não apenas a compreender a dor que recebemos, mas também a responsabilidade da dor que causamos.

Na tradição espiritual da Igreja, os santos muitas vezes testemunham essa realidade. Santa Teresinha do Menino Jesus, em seus escritos, narra pequenos episódios em que se sentia ferida por atitudes de suas irmãs no Carmelo. Ela dizia: “A caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se surpreender com as suas fraquezas”. Assim, ela transformava as pequenas cicatrizes em oportunidades de amar mais profundamente.

No mundo de hoje, onde tantas relações se tornam superficiais e descartáveis, so-

mos convidados a cultivar uma espiritualidade da fidelidade. Porque é a fidelidade que cura as feridas. O Papa Francisco, em sua exortação *Amoris Laetitia*, fala que a vida em família é cheia de pequenas dores e desentendimentos, mas que só o amor perseverante é capaz de transformar essas dores em maturidade. Ele afirma: “O perdão é possível e desejável, mas ninguém pode dizer que é fácil”. Essa é a verdade: a cicatriz permanece, todavia ela pode ser o lugar onde a graça de Deus se manifesta com mais força.

O coração que ama não deixa de sofrer. Mas o sofrimento não é o fim. Cristo nos mostra que o fim é sempre a **ressurreição**. Quando olhamos para nossas cicatrizes com fé, elas deixam de ser sinais de derrota e se tornam sinais de vitória. Como dizia São Paulo: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12, 10). A fraqueza se transforma em lugar da força de Deus, e a cicatriz em sinal de que fomos amados e chamados a amar.

Assim, podemos concluir que as cicatrizes do coração são sinais de vida. Elas testemunham que amamos e que fomos feridos, contudo, também que sobrevivemos e que, com a graça de Deus, podemos continuar a amar. Se nenhuma cicatriz do coração é feita por um inimigo, é porque as cicatrizes são sinais de amor. Só é ferido aquele que ama, e só quem ama tem cicatrizes. E é justamente esse amor que nos une a Cristo, que fez da sua cruz a maior cicatriz de amor da história da humanidade.

“
O Santo Padre, Papa Francisco, ao nos chamar à misericórdia, nos recorda que o caminho de cura está na capacidade de transformar a ferida em fonte de amor”

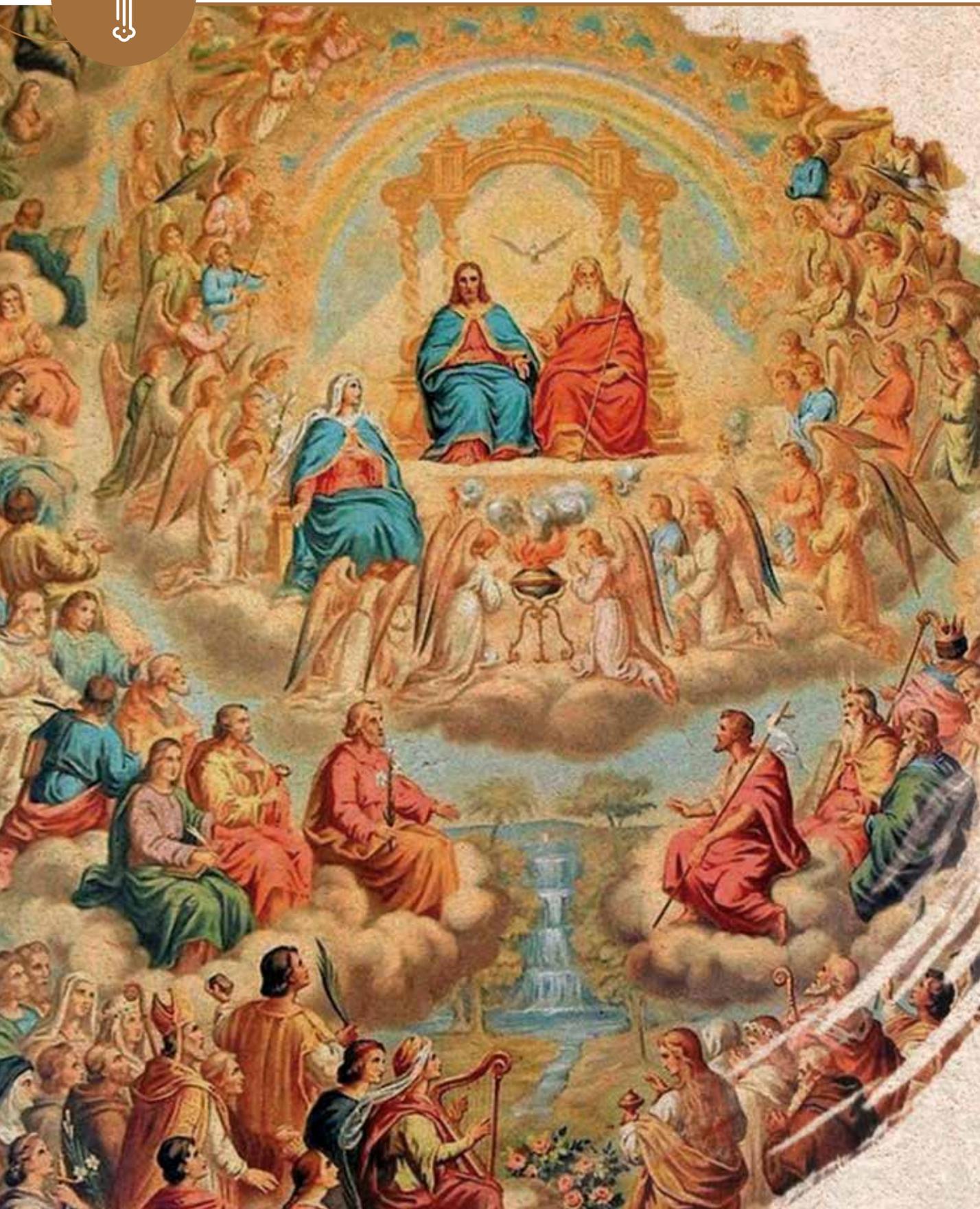


Me. Pe. Rarden Pedrosa, scj,

Mestre em Educação na PUC-SP. Pós-graduado em Ontologia, Gestão Educacional e Psicologia Educacional. Secretário da Associação Dehoniana Brasil Meridional – ADBM. rardenscj@gmail.com. @rardenpedrosa



A VIDA DOS SANTOS EM NOSSA VIDA



Todos os Santos

O mês de novembro começa com a celebração não de um santo, mas de “Todos os Santos”. Essa celebração nos faz descobrir a alegria de participar da grande família dos amigos de Deus. O apóstolo São João, em sua primeira Carta, nos convida a refletir sobre esse privilégio: “Vede que grande amor o Pai nos deu: sermos chamados filhos de Deus! E nós o somos!” (1Jo 3,1). Ser santo não é só ser filho de Deus, mas viver fazendo a Sua vontade. Mais: fazem parte da solenidade de “Todos os Santos” aqueles que assim viveram e foram canonizados, mas também todos os batizados, de todas épocas e nações, que procuraram viver com amor e fidelidade a vontade divina.

O livro do Apocalipse descreve os santos como “uma multidão imensa, que ninguém podia contar, gente de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam diante do trono e do Cordeiro: vestiam túnicas brancas e traziam palmas na mão. Todos proclamavam com voz forte: ‘A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro’” (Ap 7,9-10).

Contemplando a vida dos santos, seu amor a Deus, sua dedicação a todos, nasce em nós o desejo de ser como eles, para também nós poderemos viver próximos de Deus, na sua luz, na grande família de seus amigos. Ser santo é viver na amizade com Deus.

Mas como ser santo, como ser amigo de Deus? Em primeiro lugar, não há necessidade de fazer obras extraordinárias, nem ter inteligência ou capacidades excepcionais. O que é preciso é ouvir Jesus e segui-lo, sem desanimar diante dos desafios e problemas: “Se alguém quer me servir, siga-me, e onde eu estiver, estará também aquele que me serve. Se alguém me serve, meu Pai o honrará” (Jo 12,26).

Cada santo tem uma maneira própria de seguir Jesus. Há aquele que procuraram imitá-lo em sua pobreza; outro, em seu

amor pelos doentes; um terceiro, na sua vida de oração; há os que o imitaram no ensino das verdades divinas etc. Todos têm algo em comum: abraçaram a Cruz e o seguiram. Seus nomes estão escritos no Livro da Vida (cf. Ap 7,14); a sua morada eterna é o Céu. De nossa parte, mais do que imitar os gestos concretos da vida dos santos, somos chamados a segui-los segundo a orientação que deram às suas vidas: fizeram de Jesus o centro de seus passos.

É fácil ser santo? Não! Jesus deixou claro que para isso é preciso contar com a graça de Deus. Sozinhos, com nossas próprias forças, nada conseguiremos. Ou, dito isso com palavras de Jesus: “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5).

Em nossa vida, tudo é dom do amor de Deus. Como, pois, ficar indiferentes? Como não amar quem nos ama infinitamente? E como não amar quem o Senhor ama? Aliás, aqui está uma graça especial que recebemos: somos limitados e pobres. Não temos nada de especial para oferecer a Deus, pois Ele tem tudo. Mas Ele mesmo dispôs que o que fizermos para os nossos irmãos, Ele considerará como feito a Ele próprio!

“Resumo da ópera”: os santos são nossos amigos e modelos de vida. Saibamos invocá-los, para que nos ajudem a fazer a vontade de Deus; saibamos imitá-los, para agradecer a Deus. Olhemos para Maria, Mãe de Jesus e nossa: ela, como ninguém, entende de santidade, pois além de ter o coração totalmente voltado para Deus, teve a graça de cuidar de Jesus ao longo de toda a sua vida – isto é: nossa Mãe frequentou a melhor escola de santidade, que foi o lar de Nazaré.



Dom Murilo S.R. Krieger, scj
Arcebispo Emérito de São Salvador-BA



COMO REFLETIR O MISTÉRIO DA MORTE?

Refletir sobre a morte nunca é tarefa simples. Ela toca nossas fragilidades mais profundas, provoca medo, silêncio e uma série de perguntas que a razão, sozinha, não consegue responder. Todos, em algum momento da vida, somos colocados diante desse mistério: seja ao perdermos alguém amado, seja ao reconhecermos nossa própria finitude. Para a fé católica, no entanto, a morte não é apenas fim, mas também passagem iluminada pela esperança em Cristo.

A MORTE COMO LIMITE E PERGUNTA EXISTENCIAL

Na experiência humana, a morte é um limite radical. Ela interrompe histórias, suspende planos e nos coloca diante do mistério da existência. As culturas de todos os tempos criaram ritos, símbolos e palavras para lidar com esse enigma, revelando que a morte não é apenas um fenômeno biológico, mas também espiritual e comunitário. O coração humano intui que a vida não pode terminar no nada.

O Concílio Vaticano II recorda que “o homem se sente atormentado não só pela dor e pela progressiva dissolução do corpo, mas, ainda mais, pelo temor da aniquilação perpétua. Porém, pela luz da fé, o cristão entende que foi criado para um destino eterno” (*Gaudium et Spes*, 18).

A PERSPECTIVA BÍBLICA

A Sagrada Escritura apresenta a morte como consequência do pecado original (cf. Gn 3), mas não como condenação definitiva. Deus se revela como o Senhor da Vida, aquele que acompanha o ser humano mesmo no “vale da sombra da morte” (Sl 23,4).

No Novo Testamento, essa revelação alcança sua plenitude: Jesus não apenas enfrentou a morte, mas a transformou em caminho de vida. Suas palavras diante da tumba de Lázaro são promessas que sustentam a fé: “*Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que morra, viverá*” (Jo 11,25).

O Catecismo ensina: “Graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo. ‘Para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro’ (Fl 1,21). A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo Batismo, o cristão já está sacramentalmente ‘morto com Cristo’, para viver uma vida nova” (CIC, 1010).

O MISTÉRIO PASCAL: DA MORTE PARA A VIDA

No centro da fé cristã está o mistério pascal: a paixão, morte e ressurreição de Cristo. Nele, a morte não é anulada, mas redimida e transformada. Pelo batismo, cada cristão participa dessa vitória, sendo unido à morte e à ressurreição de Cristo (cf. Rm 6,3-5).

O Catecismo afirma com clareza: “A morte é o fim da peregrinação terrestre, do tempo da graça e da misericórdia que Deus lhe oferece para realizar a sua vida terrena segundo o plano divino e para decidir o seu destino último” (CIC, 1013).

ESPERANÇA CRISTÃ DIANTE DA MORTE

Embora continue sendo mistério, a morte é iluminada pela esperança cristã. Ela provoca dor e saudade, mas não conduz ao desespero. A Igreja, com sua liturgia e oração, ajuda os fiéis a viver esse momento de modo confiante: celebra as exéquias como entrega nas mãos de Deus, reza pelos falecidos e recorda a comunhão dos santos.

Na Encíclica *Spe Salvi*, Bento XVI recorda que a fé na vida eterna não é simples “informação”, mas uma esperança transformadora: “Não é a ciência que redime o homem. O homem é redimido pelo amor” (*Spe Salvi*, 26). A certeza de que somos amados por Deus, mesmo diante da morte, sustenta o coração cristão.

MISTÉRIO QUE APONTA PARA A ETERNIDADE

Para a razão humana, a morte permanecerá sempre como pergunta aberta. Mas para o cristão, ela encontra sua resposta em Cristo Ressuscitado, pois Ele venceu a morte, abrindo-nos as portas da eternidade.

O Catecismo resume de modo profundo: “A morte é o fim da vida terrena; mas, ao mesmo tempo, pela morte, Deus chama o homem a si” (CIC, 1011). Morrer, portanto, não significa desaparecer, mas viver em plenitude no Amor de Deus. Essa certeza não elimina a dor das separações, mas dá sentido novo: a morte não tem a última palavra. Em Jesus Cristo, nosso Salvador, a morte se torna passagem para a vida eterna.

Referências principais:

- **Sagrada Escritura:** Gn 3; Sl 23,4; Jo 11,25; Rm 6,3-5; Fl 1,21.
- **Catecismo da Igreja Católica:** nn. 1010-1014.
- **Concílio Vaticano II:** *Gaudium et Spes*, 18.
- **Bento XVI:** Encíclica *Spe Salvi*, 26.

RECOMENDAMOS

RÉPLICA DA IMAGEM DE SÃO JUDAS TADEU



Você já pensou em ter, em sua casa, uma imagem idêntica à que existe há mais de 85 anos na igreja antiga da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu?

A Loja Oficial de Artigos Religiosos da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu apresenta, em primeira mão, a réplica da imagem de São Judas Tadeu!

Trata-se de uma reprodução fiel da escultura original que acolhe, todos os dias, milhares de devotos na Igreja Antiga da Paróquia e Santuário, localizada na Avenida Jabaquara, em São Paulo-SP. Cada detalhe da imagem traz consigo um profundo significado espiritual:

- **Rosto inclinado:** expressão de misericórdia e acolhimento.
- **Bíblia Sagrada:** sinal da Palavra de Deus e da missão apostólica.
- **Machadinha:** instrumento do martírio, testemunho de amor incondicional a Cristo.
- **Túnica verde:** representa a esperança renovada em cada oração.
- **Manto vermelho:** sinal do sangue derramado pela fé, entrega e amor extremo.
- **Dourado nas vestes:** reflexo da glória de Deus e da santidade.

A réplica mede 30 cm e foi confeccionada pela Artesanato Costa, utilizando recursos modernos: escaneamento 3D da imagem original, impressão em resina de alta precisão e pintura artesanal. O resultado é uma peça única, que une tecnologia e devoção, garantindo fidelidade absoluta ao modelo.

Mais do que um objeto, uma imagem religiosa é um auxílio para a oração, sinal visível de uma amizade espiritual que inspira, protege e fortalece a fé.

Esta imagem de São Judas Tadeu traz consigo décadas de oração, testemunhos de milagres e confiança na intercessão do Santo das Causas Impossíveis. Agora, pode transformar o seu lar em um espaço de oração, esperança, proteção e encontro com Deus.

O ambiente familiar torna-se, assim, uma extensão do Santuário: um lugar onde a fé se renova e a oração floresce, conforme nos ensina o Evangelho:

“Mas tu, quando fores rezar, entra em teu quarto, fecha a porta e reza a teu Pai em segredo; e teu Pai, que conhece todo segredo, te dará a recompensa” (Mt 6,6).

Pré-venda exclusiva da réplica – número limitado de peças disponíveis!

Você pode adquirir a Réplica da imagem de São Judas Tadeu na Loja oficial de artigos religiosos do Santuário, ao lado da Secretaria Paroquial.

Mais informações pelo tel (11) 2275-0724. (11) 99338-0758. 

E-mail: contato@lojasaojudastadeu.com.

Site: www.lojasaojudastadeu.com



HÁBITOS DE VIDA SAUDÁVEL: OS DESAFIOS NO COTIDIANO MODERNO

Com o estilo de vida moderno, cuidar da saúde do corpo se tornou um desafio cada vez mais necessário. A rotina atual, muitas vezes baseada em alimentos ultraprocessados, na falta de tempo para a prática de exercícios físicos devido à correria do trabalho, ao estresse cotidiano e à ausência de hábitos saudáveis, tem impactado significativamente a qualidade de vida da população. Somado a esses fatores, observa-se um aumento expressivo no aparecimento de doenças crônicas como diabetes, hipertensão e hipercolesterolemia. Embora essas enfermidades possuam componentes genéticos, um fator determinante para a sua prevenção é a adoção de hábitos de vida saudáveis, que ajudam a manter níveis adequados de glicemia, pressão arterial e colesterol. Alguns hábitos podem ser incorporados com relativa facilidade no dia a dia, favorecendo a manutenção da saúde e evitando o surgimento de doenças crônicas. Entre eles, destacam-se:

1 Evite alimentos ultraprocessados, como bolachas, salsichas e enlatados. Esses alimentos costumam conter grande quantidade de gordura e são chamados de alimentos de caloria vazia, ou seja, alimentam, mas não saciam a fome e não oferecem nutrientes essenciais para uma alimentação equilibrada.

2 Evite o tabagismo e o consumo de álcool. Os cigarros contêm uma alta carga de substâncias cancerígenas, e o álcool pode levar a doenças como a esteatose hepática, popularmente conhecida como acúmulo de gordura no fígado.

3 Pratique exercícios físicos por, no mínimo, 150 minutos por semana. A atividade física, além de trazer benefícios à saúde mental, auxilia no aumento do colesterol HDL, conhecido como o “colesterol bom”.

4 Faça acompanhamento de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão arterial. Manter o uso regular dos medicamentos prescritos e realizar consultas médicas e exames de rotina ajuda a prevenir complicações como insuficiência renal e infarto.

LEMBRE-SE:

Não é fácil colocar todas essas dicas em prática, mas somos frutos de nossas escolhas. Podemos começar aos poucos — trocando um alimento não saudável por uma opção melhor e introduzindo pequenas rotinas de exercício físico. Um passo de cada vez! O mais importante é a busca constante por uma vida mais equilibrada e saudável.

A saúde é dom de Deus e o bem mais precioso que temos! Afinal, somos templos do Espírito Santo. Por isso, cultivar hábitos saudáveis e buscar o bem-estar traz tanta satisfação e plenitude!



Dr. Mariano Tadeu Martins Fernandes

Médico Clínico Geral e Paroquiano da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu



SÃO JUDAS TADEU: APÓSTOLO DO CÉU

A Igreja venera São Judas Tadeu, um dos doze Apóstolos de Cristo, cuja festa litúrgica é celebrada no dia 28 de outubro. Ele, junto aos outros discípulos, foi chamado por Jesus para ser testemunha viva de sua vida, morte e ressurreição. Embora apareça poucas vezes nos Evangelhos, sua figura guarda uma força especial: é conhecido como intercessor nas causas difíceis e desesperadas, mas também como mensageiro da esperança que vem da vida eterna.

UM APÓSTOLO DO CRISTO VIVO

São Judas Tadeu foi chamado a seguir Jesus de perto e a proclamar a Boa-Nova até os confins da terra. Em sua Carta, no Novo Testamento, ele exorta os cristãos a permanecerem firmes na fé e a combaterem as falsas doutrinas que ameaçavam a comunidade (cf. Jd 3-4). Sua preocupação pastoral mostra um coração que aponta sempre para a verdade de Cristo, o único capaz de dar sentido à existência humana.

A tradição cristã vê em São Judas Tadeu um apóstolo que anuncia a vida eterna. Ele recorda que a vida terrena, com suas fragilidades, dores e limites, não é o destino final, mas passagem. Sua própria fidelidade ao seguimento de Cristo até o martírio revela a certeza de que a morte não é derrota, mas passagem para a comunhão plena com Deus.

O Catecismo da Igreja Católica ensina: “*Graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo*” (CIC, 1010). São Judas Tadeu, apóstolo e mártir, viveu essa verdade, testemunhando que, unidos ao Cristo Ressuscitado, também nós somos chamados a participar da vida sem fim.

INTERCESSOR NAS CAUSAS DIFÍCEIS

Não é por acaso que tantos fiéis recorrem a São Judas Tadeu em momentos de aflição, incertezas e angústias terrenas. O Padroeiro do Santuário da avenida Jabaquara se tornou sinal da proximidade de Deus justamente quando as situações humanas parecem impossíveis. Seu patrocínio nas causas difíceis está profundamente ligado à fé na Ressurreição: o impossível para os homens torna-se possível para Deus (cf. Mt 19,26). Assim, ele não apenas consola os corações, mas orienta-os para a confiança na vitória de Cristo sobre a morte. Quem é devoto e devota de São Judas Tadeu tem a esperança de que um dia vai encontrar-se com Deus face a face, assim como o Apóstolo.

Ao olhar para São Judas Tadeu, o cristão católico é convidado a renovar sua esperança. Em um mundo marcado por tantas incertezas, ele lembra que nossa vida não se encerra no tempo presente, mas se abre para a eternidade. Sua devoção não se limita a pedir graças, mas inspira a viver com fé, perseverança e fidelidade ao Senhor. Os devotos são pessoas repletas de gratidão pelas maravilhas que Deus opera em suas vidas.

São Judas Tadeu é mais do que um intercessor poderoso: é um **apóstolo da vida eterna**. Seu testemunho aponta para Cristo Ressuscitado, aquele que venceu a morte e nos deu a esperança definitiva. Seguindo seu exemplo de fé e entrega, também nós somos chamados a viver na confiança de que a morte não tem a última palavra, mas que em Jesus Cristo todos estamos destinados à vida plena junto de Deus, no Paraíso.



Priscila Thomé Nuzzi

jornalista da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu.



O LIVRO DE ORAÇÕES A SÃO JUDAS TADEU DA FAMÍLIA

Às vésperas do meu casamento, minha mãe presenteou-me com um livro muito pequeno, fino, marcado pelo manuseio e explicou-me por que aquele livro lhe era tão precioso. Disse que, em 1963, ela e meu pai decidiram casar-se em maio de 1964. Para tanto, era fundamental que minha mãe concluísse o Curso Normal, que a permitiria atuar como professora primária; pois seu salário complementaria o do meu pai e assim eles conseguiriam arcar com as despesas da família que constituiriam.

Minha mãe era aluna do último ano do Curso Normal no Instituto Nossa Senhora Aparecida, em Salinas/MG. De manhã, frequentava as aulas. À tarde, ocupava-se com os bordados e com as compras do enxoval. À noite, encontrava-se com o noivo para planejar o casamento e estudava as matérias das disciplinas escolares para enfrentar as provas finais.

Sua maior preocupação era a prova final de uma das disciplinas. Era preciso que tirasse, no mínimo, nota oito na temida prova oral, ou não seria aprovada e, caso isso ocorresse, não se formaria na data prevista, o que atrapalharia seus planos de conseguir um emprego remunerado e de casar-se. Minha mãe era uma boa aluna, mas tinha dificuldades com a tal disciplina. Ao agendar a avaliação, a professora avisou que escolheria doze pontos/temas a serem estudados pelas estudantes. Dentre esses

doze pontos, no dia da prova, ela sortearia apenas um sobre o qual as normalistas deveriam dissertar. Minha mãe não se sentia preparada para estudar, com a devida profundidade, os doze pontos. Então, decidiu pedir auxílio a São Judas Tadeu. Tomando seu pequeno livro de orações, minha mãe pediu a ele que orientasse seus estudos.

Isso feito, ela própria fez o sorteio de um ponto. Dobrou os doze pedaços de papel em que escrevera os temas, misturando-os dentro de um copo e, em seguida, retirando um deles. Era uma probabilidade de 1 em 12, mas ela confiou e, nos dias que precederam a prova, estudou apenas aquele ponto que constava no papel que era havia retirado de dentro do copo. Paralelamente ao estudo, a cada dia, renovava seu pedido à São Judas Tadeu. No dia da prova, ajoelhada, com a vela acesa, mais vez, ela fez sua prece e, em seguida, dirigiu-se à escola para enfrentar a tal avaliação. Lá, o sorteio foi efetuado e o ponto foi exatamente o que minha mãe havia estudado. Ela conseguiu a nota necessária, formou-se e casou-se nas datas previstas.

No momento em que minha mãe me contou essa história, vinte e nove anos após tais acontecimentos, na véspera de meu próprio casamento, ela presenteou-me com um de seus bens mais valiosos: o seu **livro de orações dedicado à São Judas Tadeu**. Dessa forma, queria garantir a tradição familiar de devoção a ele. Devo confessar que, por vezes, tendo nas mãos o livro que me foi presenteado por minha mãe, a São Judas Tadeu recorri. Em todas as vezes, fui atendida. Ao finalizar esse testemunho, não vou usar uma afirmação teológica formal, mas sim uma declaração de fé e gratidão, em uma linguagem coloquial que uma vez ouvi de uma devota. Possivelmente, esse não seja o modo adequado para referir-me a um santo, mas expressa o que dele pensam aqueles que a ele recorrem em momentos de aflição: "São Judas Tadeu é um santo porreta!".

Wanderleya Nara Gonçalves Costa
Pontal do Araguaia, MT

AJUDE-NOS A EVANGELIZAR!

Família dos Devotos de São Judas Tadeu Doações online: www.saojudas.org.br

Depósito bancário: Banco Bradesco:

Ag 2818-5, c/c 0028-0. CNPJ 63.089.825/0115-02.



FOCO NA MORAL E NO DIREITO



O ESPLENDOR DA VERDADE: ATUALIDADE DA ENCÍCLICA *VERITATIS SPLENDOR*



O Esplendor da Verdade” trata principalmente da moral cristã, da verdade como fundamento da liberdade humana e da necessidade de fidelidade à doutrina católica frente a interpretações relativistas.

Em 6 de agosto de 1993, São João Paulo II publicou a encíclica *Veritatis Splendor* (“O Esplendor da Verdade”), um dos documentos mais importantes do seu pontificado. Voltada especialmente à moral cristã, a encíclica surgiu em um contexto de fortes debates teológicos e culturais, quando correntes relativistas questionavam a objetividade da verdade e da moral, propondo uma autonomia da consciência desvinculada de princípios universais.

Logo no início, o Papa recorda que Jesus Cristo é a plenitude da Verdade e a luz que ilumina o agir humano. Para João Paulo II, a liberdade só encontra o seu verdadeiro sentido quando está orientada para o bem, em conformidade com a verdade que Deus revelou e inscreveu no coração de cada pessoa

por meio da lei natural. A encíclica, portanto, coloca em diálogo a experiência da liberdade com a necessidade da verdade objetiva, mostrando que não há oposição, mas complementaridade entre ambas.

Outro ponto central é a afirmação da autoridade do Magistério da Igreja no campo da moral. Contra a tendência de considerar a consciência individual como critério absoluto, João Paulo II relembra que a consciência deve ser formada e iluminada pela verdade revelada, e que cabe à Igreja ensinar, interpre-

tar e guardar essa verdade. Assim, a *Veritatis Splendor* reforça a missão eclesial de oferecer ao mundo uma orientação segura diante das dúvidas éticas e espirituais.

O Papa também denuncia claramente o relativismo moral e as teorias que tentavam justificar atos intrinsecamente maus como moralmente aceitáveis em determinadas circunstâncias. Reafirma-se, nesse sentido, que certos comportamentos nunca podem ser

justificados, pois contradizem de forma direta a dignidade da pessoa humana e a lei de Deus.

Mais de três décadas após a sua publicação, a *Veritatis Splendor* continua extremamente atual. Em uma sociedade marcada por incertezas éticas e pela tentação do subjetivismo, a encíclica recorda que a ver-

dadeira liberdade não é arbitrariedade, mas resposta consciente e responsável ao chamado da verdade. O “esplendor” do qual fala João Paulo II é justamente a luz que Cristo oferece à vida humana, orientando-a para o bem e para a realização plena da pessoa.

Assim, a encíclica não é apenas um tratado de moral, mas um convite a redescobrir a beleza de uma vida vivida na verdade. Ela permanece como guia seguro para todos os que desejam unir fé, liberdade e responsabilidade em sua caminhada cristã.

**“
A verdadeira
liberdade não é fazer o
que se quer, mas escolher
o bem, conforme a
verdade de Deus”**



SÃO JUDAS TADEU

Apóstolo da nossa esperança

Caros amigos e devotos de São Judas Tadeu, seguimos ainda imersos neste tempo jubilar, marcado profundamente pelo signo da esperança. Desde a proclamação da bula *Spes non confundit*, o Papa Francisco nos convida a redescobrir essa virtude essencial, apresentando-a como um verdadeiro caminho de vida cristã “que precisa também de momentos fortes para nutrir e robustecer a esperança, insubstituível companheira que permite vislumbrar a meta: o encontro com o Senhor Jesus” (*Spes non*

confundit, 2024, n. 5). Assim, neste ano jubilar, somos chamados a viver de modo mais intenso a experiência do amor vivo de Deus, “que desperta no coração a esperança segura da salvação em Cristo” (*Spes non confundit*, 2024, n. 6).

Em consequência disso, o modo de viver cristão torna-se uma abertura ao divino, uma disposição interior para acolher o transcendente que irrompe no ser e o transforma. Depois de um verdadeiro encontro com o Ressuscitado, já não é possí-

vel olhar o mundo da mesma maneira, pois tudo passa a ser visto pelo prisma da esperança. Esse encontro muda o coração e renova o olhar: quem experimenta a presença viva de Cristo não permanece o mesmo, porque a esperança transforma as expectativas e ressignifica as perspectivas da vida.

Contudo, mesmo que busquemos olhar a sociedade de modo abrangente e esperançoso, ela se apresenta em sua complexidade, desafiando e, por vezes, contrariando a proposta do Reino de Deus. É uma realidade marcada por profundas ambiguidades existenciais: de um lado, o anseio por uma vida plena para todos; de outro, as injustiças e a indiferença que ferem a dignidade humana. Convivem, lado a lado, o esforço pela construção do Reino de Deus e as dolorosas expressões de violência que marcam o mundo atual; a cultura da vida e da dignidade contrastando com a cultura da morte e do descarte.

Diante desse cenário, o cristão é chamado a ser testemunha da esperança, mantendo viva a confiança no poder transformador do Evangelho e tornando-se sinal concreto do amor de Deus no meio das contradições do tempo presente. O medo e a desesperança não encontram argumentos para superar a força da esperança nas promessas de Cristo, pois a “esperança não decepciona”.

A esperança cristã não se apoia em um simples otimismo humano, mas na fé inabalável no amor de Deus. Por isso, quando o Espírito do Ressuscitado nos toca e nos impregna com sua presença, somos erigidos de nossas tristezas e desânimos, e começamos novamente a florescer. Assim como as árvores na primavera fazem brotar novos frutos, também a alma revigorada pela esperança renasce para a vida nova em Cristo.

O testemunho de fé e fidelidade a Cristo de São Judas Tadeu nos inspira a permanecer firmes mesmo nas situações mais adversas da vida. Em sua breve, porém profunda carta, ele exorta os fiéis a conservar-se no amor de Deus, “pondo a es-

perança na misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo” (Jd 21). Nessa exortação, São Judas recorda-nos que a esperança cristã não é uma expectativa incerta ou passageira, mas uma confiança viva e operante no amor de Deus que jamais decepciona. Sua vida é reflexo desse encontro transformador com Jesus, sustentado por uma esperança que se traduz em compromisso, fidelidade e perseverança.

Nesse sentido, a esperança – conforme o modelo que São Judas nos ensina – não é fuga da realidade, mas orientação segura para a existência. A esperança que nosso padroeiro depositou em Cristo convida-nos a uma nova compreensão do mundo, capaz de superar medos e incertezas. Devemos encarar a esperança como verbo em ação: esperar, capaz de abrir novos horizontes. É um apelo que ressoa em nossos corações cada vez que recordamos a promessa do

Evangelho: o Reino de Deus está no meio de nós (cf. Lc 17, 20-21). Com isso, é possível transformar a realidade presente em direção a esse Reino.

Caros leitores, não podemos encerrar este ano jubilar sem ter vivido a experiência de uma espiritualidade que nos conduz à alegria esperançosa do encontro com Jesus Ressuscitado – um antegozo da vida eterna. É nesse encontro que compreendemos que a esperança cristã é sempre pascal: nasce da cruz e floresce na ressurreição. Que, seguindo o exemplo do apóstolo da esperança, possamos também ser testemunhas da confiança em Deus, proclamando com a vida que “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações” (Rm 5,5).

Louvido seja o Senhor!

“
**A alma revigorada
pela esperança renasce
para a vida nova em
Cristo”**



Sami N. Abraão

Agente de pastoral na Paróquia e Santuário São Judas Tadeu.



PAPA LEÃO XIV: SOMOS CHAMADOS A CRIAR NOVOS SINAIS DE ESPERANÇA

“Tu és a minha esperança” é o tema da mensagem do Papa Leão XIV para o 9º Dia Mundial dos Pobres que será celebrado em 16 de novembro próximo. “Todas as formas de pobreza, sem excluir nenhuma, são um apelo a viver concretamente o Evangelho e a oferecer sinais eficazes de esperança”, escreve o Santo Padre no texto.

A mensagem do Papa Leão XIV para o 9º Dia Mundial dos Pobres, celebrado em 16 de novembro próximo (33º Domingo do Tempo Comum), terá como tema **“Tu és a minha esperança”**, extraído do Salmo 71. “No meio das provações da vida, a esperança é animada pela firme e encorajadora certeza do amor de Deus, derramado nos corações pelo Espírito Santo. Por isso, ela não decepciona. O Deus vivo é, verdadeiramente, o «Deus da esperança», que em Cristo, pela sua morte e ressurreição, se tornou a «nossa esperança». Não podemos esquecer que fomos salvos nesta esperança, na qual precisamos permanecer enraizados”, escreve o Papa.

Segundo Leão XIV, **“o pobre pode tornar-se testemunha de uma esperança forte e confiável, precisamente porque professada numa condição de vida precária, feita de privações, fragilidade e marginalização. Ele não conta com as seguranças do poder e do ter; pelo contrário, sofre-as e, muitas vezes, é vítima delas.** A sua esperança só pode repousar noutro lugar. **Reconhecendo que Deus é a nossa primeira e única esperança,** também nós fazemos a

passagem entre as esperanças que passam e a esperança que permanece. **As riquezas são relativizadas perante o desejo de ter Deus como companheiro de caminho porque se descobre o verdadeiro tesouro de que realmente precisamos”.**

“A pobreza mais grave é não conhecer a Deus”, recorda o Papa, “embora importantes, todos os bens desta terra, as realidades materiais, os prazeres do mundo ou o bem-estar econômico não são suficientes para fazer o coração feliz”.

“Frequentemente, as riquezas iludem e conduzem a situações dramáticas de pobreza, sendo a primeira dessas ilusões pensar que não precisamos de Deus e conduzir a nossa vida independentemente d’Ele.”

A seguir, lembra as palavras de **Santo Agostinho:** “Seja Deus todo motivo de presumires. Sente necessidade d’Ele para que Ele te cumule. Tudo o que possuíres fora d’Ele é imensamente vazio”.

“A esperança cristã, à qual a Palavra de Deus remete, é certeza no caminho da vida, porque não depende da força humana, mas da promessa de Deus, que é sempre fiel. Por isso, desde os primórdios, os cristãos quiseram identificar a esperança com o símbolo da âncora, que oferece estabilidade e segurança. **A esperança cristã é como uma âncora, que fixa o nosso coração na promessa do Senhor Jesus,** que nos salvou com a sua morte e ressurreição e que retornará novamente no meio de nós”, escreve ainda Leão XIV, sublinhando que a

“esperança nasce da fé, que a alimenta e sustenta, sobre o fundamento da caridade, que é a mãe de todas as virtudes. Precisamos de caridade hoje, agora. Não é uma promessa, mas uma realidade para a qual olhamos com alegria e responsabilidade: envolve-nos, orientando as nossas decisões para o bem comum. Em vez disso, quem carece de caridade não só carece de fé e esperança, mas tira a esperança ao seu próximo”.

O Papa recorda que a caridade é «o maior mandamento social: *“A pobreza tem causas estruturais que devem ser enfrentadas e eliminadas. À medida que isso acontece, todos somos chamados a criar novos sinais de esperança que testemunhem a caridade cristã, como fizeram, em todas as épocas, muitos santos e santas.”*

“Os hospitais e as escolas, por exemplo, são instituições criadas para expressar o acolhimento aos mais fracos e marginalizados. Eles deveriam fazer parte das políticas públicas de todos os países, mas as guerras e as desigualdades frequentemente ainda o impedem. Hoje, cada vez mais, as casas-família, as comunidades para menores, os centros de acolhimento e escuta, as refeições para os pobres, os dormitórios e as escolas populares tornam-se sinais de esperança: são tantos sinais, muitas vezes ocultos, aos quais talvez não prestemos atenção, mas que são muito importantes para se desvencilhar da indiferença e provocar o empenho nas diversas formas de voluntariado”, ressalta.

De acordo com o Pontífice, **“os pobres não são um passatempo para a Igreja, mas sim os irmãos e irmãs mais amados, porque cada um deles, com a sua existência e também com as palavras e a sabedoria que trazem consigo, levam-nos a tocar com as mãos a verdade do Evangelho.** Por isso, o Dia Mundial dos Pobres pretende recordar às nossas comunidades que os pobres estão no centro de toda a ação pastoral. Não só na sua dimensão caritativa, mas igualmente naquilo que a Igreja celebra e anuncia. Através das suas vozes, das suas histórias, dos seus rostos, Deus assumiu a sua pobreza para nos tornar ricos. Todas as formas de pobreza, sem excluir nenhuma, são um apelo a viver concretamente o Evangelho e a oferecer sinais eficazes de esperança”.

Leão XIV recorda que **“este é o convite que emerge da celebração do Jubileu”.** *“Não é por acaso que o Dia Mundial dos Pobres seja celebrado no final deste ano de graça. Quando a Porta Santa for fechada, deveremos conservar e transmitir os dons divinos que foram derramados nas nossas mãos ao longo de um ano inteiro de oração, conversão e testemunho.”*

“Os pobres não são objetos da nossa pastoral, mas sujeitos criativos que nos estimulam a encontrar sempre novas formas de viver o Evangelho hoje. Diante da sucessão de novas ondas de empobrecimento, corre-se o risco de se habituar e resignar-se. Todos os dias, encontramos pessoas pobres ou empobrecidas e, às vezes, pode acontecer que sejamos nós mesmos a possuir menos, a perder o que antes nos parecia seguro: uma casa, comida suficiente para o dia, acesso a cuidados de saúde, um bom nível de educação e informação, liberdade religiosa e de expressão”, sublinha o Papa no texto.

“Promovendo o bem comum, a nossa responsabilidade social tem o seu fundamento no gesto criador de Deus, que dá a todos os bens da terra: assim como estes, também os frutos do trabalho do homem devem ser igualmente acessíveis. Com efeito, ajudar os pobres é uma questão de justiça, muito antes de ser uma questão de caridade”, recorda o Santo Padre, detendo-se nas palavras de Santo Agostinho: «Damos pão a quem tem fome, mas seria muito melhor que ninguém passasse fome e não precisássemos ser generosos para com ninguém. Damos roupas a quem está nu, mas Deus queira que todos estejam vestidos e que ninguém passe necessidades sobre isto».

O Papa deseja que “este Ano Jubilar possa incentivar o desenvolvimento de políticas de combate às antigas e novas formas de pobreza, além de novas iniciativas de apoio e ajuda aos mais pobres entre os pobres. Trabalho, educação, habitação e saúde são condições para uma segurança que jamais se alcançará com as armas”, conclui o Pontífice, congratulando-se com as iniciativas já existentes e com o compromisso manifestado diariamente no mundo “por um grande número de homens e mulheres de boa vontade”

Fonte: Vatican News



SÃO JUDAS TADEU E A ESPERANÇA DA ETERNIDADE NO CORAÇÃO DE CRISTO

Novembro, mês em que a Igreja nos convida a rezar de modo especial pelos fiéis defuntos, abre-se como um tempo privilegiado para contemplarmos o mistério da eternidade e a esperança cristã que nos sustenta diante da morte. Neste horizonte, brilha a figura de São Judas Tadeu, o “Apóstolo da Esperança”, cuja intercessão é invocada especialmente em situações difíceis e aparentemente sem saída.

A esperança cristã não é um simples otimismo humano, mas um dom de Deus que se enraíza na certeza da ressurreição. São Paulo recorda que **“a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5)**. Por isso, o Catecismo da Igreja Católica ensina que a esperança é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, colocando nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não em nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo (CIC, §1817).

Ao celebrarmos o mês de Finados, professamos com maior intensidade a fé na vida eterna, que é o destino dos filhos de Deus. Jesus nos garante: **“Na casa de meu Pai há muitas**

moradas... vou preparar-vos um lugar” (Jo 14,2). Essa certeza foi sempre transmitida pela Tradição da Igreja. Santo Agostinho, por exemplo, afirmava: “Não foste feito para permanecer aqui, mas para passar e chegar à eternidade, onde não há mais morte, nem luto, nem dor, mas alegria sem fim” (Sermão 172). Assim, mesmo diante da saudade e do luto, a esperança nos coloca diante da promessa de comunhão definitiva com Deus.

Dentro desse horizonte de fé, contemplamos também a grande promessa do Sagrado Coração de Jesus, revelada a Santa Margarida Maria Alacoque: **“Aos que comungarem nas primeiras sextas-feiras de nove meses consecutivos, concederei a graça da perseverança final e a salvação eterna”**. Tal promessa não é algo isolado da revelação, mas ecoa as palavras do próprio Cristo no Evangelho: **“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,54)**. O Coração de Jesus, símbolo de amor infinito, é para nós fonte de misericórdia e garantia da vitória da vida sobre a morte.

São Judas Tadeu, nesse caminho, aparece como companheiro e intercessor. Invocado em momentos de aflição, ele recorda aos cristãos que nenhuma situação está perdida quando se espera no Senhor. Sua vida e sua devoção popular apontam para a esperança última: a vida eterna em Cristo. O Salmo 27,14, lema desta reflexão, ressoa como convite sempre atual: “Espera pelo Senhor, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo Senhor”.

Assim, neste mês de novembro, ao rezarmos pelos falecidos e ao recordar o destino eterno que nos aguarda, somos chamados a renovar a fé na promessa de Cristo e a viver com os olhos fixos no que não passa. Que São Judas Tadeu, Apóstolo da Esperança, nos fortaleça na confiança, e que o Sagrado Coração de Jesus seja nosso refúgio seguro e a certeza de que fomos feitos para a eternidade.



**Pe. Maximiliano
Delfino Cândido, scj**



SÃO JUDAS TADEU, APÓSTOLO
DA NOSSA ESPERANÇA!

Esperança do lado de lá

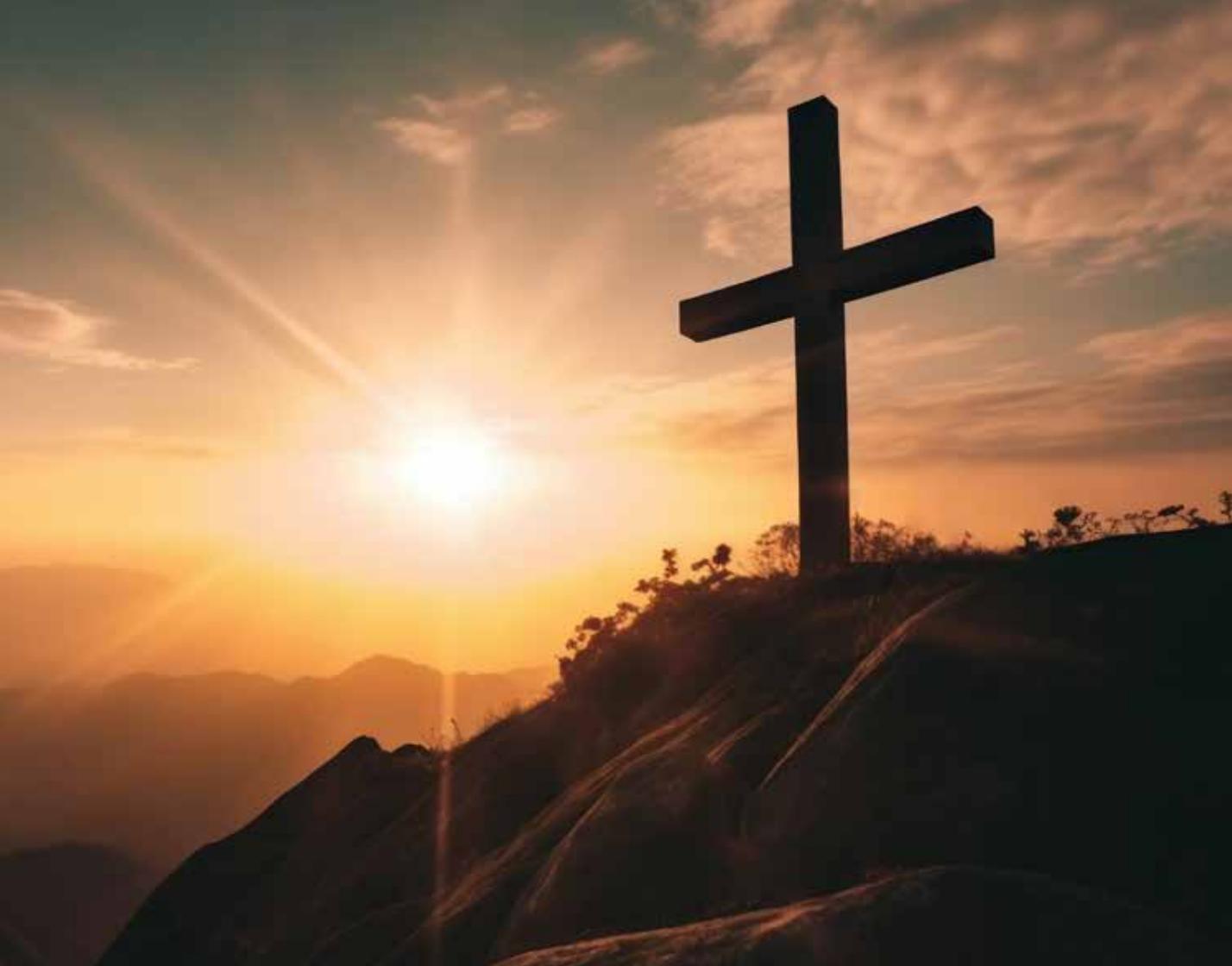
Olá devotinhos! Nesse mês, vamos homenagear os nossos amigos e familiares que estão do outro lado do caminho, aqueles que amamos enquanto estavam vivos e continuamos amando. Rezemos por eles que já estão na eternidade.

Ajudemos São Judinhas a chegar na missa de finados!



Cristiane Adorno

Participa da Pastoral Catequética da
Paróquia e Santuário São Judas Tadeu.



ORAÇÃO AOS IRMÃOS FALECIDOS

Concede-lhes, Senhor, o descanso eterno, e que a luz perpétua brilhe sobre eles. Que suas almas e as almas de todos os fiéis defuntos, pela misericórdia de Deus, descansem em paz. Amém.



**PARTICIPE DA FAMÍLIA DOS
DEVOTOS DE SÃO JUDAS TADEU**

Doações online: www.saojudas.org.br

Depósito bancário Banco Bradesco:

Ag 2818-5, c/c 0028-0. CNPJ 63.089.825/0115-02.